ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP ART RODRIGO SILVA RIBEIRO

GAC NO ASSALTO AEROTERRESTRE:
REOP DE BATERIA DE OBUSES PARAQUEDISTA NO ASSALTO AEROTERRESTRE

Rio de Janeiro
2017

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP ART RODRIGO SILVA RIBEIRO

GAC NO ASSALTO AEROTERRESTRE:
REOP DE BATERIA DE OBUSES PARAQUEDISTA NO ASSALTO AEROTERRESTRE

Trabalho acadêmico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em Gestão Organizacional

Rio de Janeiro
2017

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Art RODRIGO SILVA RIBEIRO**

Título: **GAC NO ASSALTO AEROTERRESTRE:** REOP DE BATERIA DE OBUSES PARAQUEDISTA NO ASSALTO AEROTERRESTRE.

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____/_____/_____ *CONCEITO:* _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
MAURO JOSÉ DE ALMEIDA JUNIOR - TC Cmt Curso e Presidente da Comissão	
VINICIUS FERREIRA DARDENGO - Cap 1º Membro	
RENAN LOPES ALCANTARA - Cap 2º Membro e Orientador	

RODRIGO SILVA RIBEIRO – Cap
Aluno

O GAC NO ASSALTO AEROTERRESTRE:
REOP DE BATERIA DE OBUSES PARAQUEDISTA NO ASSALTO AEROTERRESTRE

Rodrigo Silva Ribeiro*
Renan Lopes Alcantara**

RESUMO
Este artigo apresenta um estudo sobre o Grupo de Artilharia de Campanha no assalto aeroterrestre, mais especificamente o reconhecimento, escolha e ocupação de posição de uma bateria de obuses paraquedista em um assalto aeroterrestre. A operação aeroterrestre é uma operação complementar que visa atender o alto escalão da força empregada a conquistar objetivos específicos. Foi realizado uma pesquisa bibliográfica em relação aos assuntos : operações aeroterrestres, apoio de fogo e os procedimentos propriamente ditos de reconhecimento, escolha e ocupação de posição. Atualmente, no Exército Brasileiro, há uma Brigada de infantaria Paraquedista com o 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista como seu grupo orgânico, responsável pelo apoio de fogo nas ações de emprego da referida grande unidade. Os manual C57-1 (OPERAÇÕES AEROTERRESTRES), C6-1 (EMPREGO DA ARTILHARIA DE CAMPANHA) e C6-20 (EMPREGO DA ARTILHARIA DE CAMPANHA) são manuais direcionados para o comandante de Organização Militar nível unidade e seu estado maior, para planejamento e emprego. Existe uma lacuna entre o nível unidade e o nível SU. Não há manuais, cadernos de instrução ou notas que orientem especificamente o comandante da bateria de obuses, comandante da linha de fogo e o chefe de peça para executarem o REOP em um assalto aeroterrestre especificamente. Foi constatado que a Brigada Parauedista não executa, atualmente, adestramentos completos para o apoio de fogo da artilharia de campanha, com lançamentos completos de pessoal e material. Faz-se necessário uma doutrina escrita mais específica para esses escalões.

Palavras-chave: Consciência situacional. Operações Aeroterrestres. Reconhecimento, Escolha e Ocupação de Posição. Apoio de Fogo. Assalto aeroterrestre.

ABSTRACT
This article presents a study on the Campaign Artillery Group in airborne assault, more specifically the reconnaissance, choice and positioning of a battery of parachute shells in an airborne assault. The air-ground operation is a complementary operation that aims to attend to the high rank of the force employed to achieve specific objectives. A bibliographical research was carried out in relation to the subjects: airfield operations, fire support and the proper procedures of recognition, choice and occupation of position. Currently, in the Brazilian Army, there is a Parachute Infantry Brigade with the 8th Parachute Campaign Artillery Group as its organic group, responsible for the fire support in the employment actions of the aforementioned large unit. Manuals C57-1 (AEROTERRESTRES OPERATIONS), C6-1 (EMPLOYMENT OF CAMPAIGN ARTILLERY), and C6-20 (EMPLOYMENT OF CAMPAIGN ARTILLERY) are manuals that are directed to the commander of Military Organization unit level and its planning and employment. There is a gap between the unit level and the SU level. There are no manuals, instruction books, or notes specifically targeting the howitzer battery commander, fire line commander, and part master to perform the REOP in a specific airborne assault.. It was found that the Paraedist Brigade does not currently complete training for fire support for field artillery. With complete releases of personnel and material. A more specific written doctrine is required for these echelons
.

Keywords: Situational Awareness. Airborne Operations. Recognition, Choice and Position Occupation. Fire support. Airborne Assault
.

1 INTRODUÇÃO

As operações aeroterrestres são de vital importância nos rumos do combate convencional. A partir desse contexto faz-se necessária a integração das diversas armas, quadro e serviço da Força Terrestre na missão de conquista e manutenção da cabeça de ponte aérea, principal atividade de uma tropa aeroterrestre. A arma de artilharia, nesse escopo, tem por objetivo apoiar pelo fogo as operações para destruir ou neutralizar alvos que ameacem o êxito dessa operação nesse cenário.

No Exército Brasileiro há um Grupo de Artilharia de Campanha orgânico da Brigada de Infantaria Paraquedista, que é o 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista. Tal Organização Militar é dotada dos seguintes materiais: obuseiro 105mm AR Oto Melara e o Morteiro 120mm M2 raiado.

O 8° GAC Pqdt, atualmente, dotado do Obuseiro 105 mm Oto Melara, tem por missão prestar apoio de fogo aos elementos de manobra da Bda Inf Pqdt durante as operações aeroterrestres. Para que este apoio de fogo seja eficaz, a Artilharia Paraquedista deverá dispor de flexibilidade, potência de fogo e mobilidade compatíveis com as peculiaridades destas operações. (SACRAMENTO, 2005)

Os materiais da artilharia de campanha são bastante peculiares e complexos no que diz respeito a sua rapidez e mobilidade nas ações. A artilharia de campanha necessita de um planejamento operacional tático e logístico bastante aprimorado, sob pena de não obter êxito em sua missão precípua, que é o apoio de fogo na manobra. Um estudo detalhado e correto da situação é fundamental para que não ocorram falhas e não haja a descontinuidade do apoio de fogo.

O planejamento, a preparação e a execução de uma operação aeroterrestre desenvolvem-se em quatro fases: montagem, movimento aéreo, assalto e operações subseqüentes.” (BRASIL, 1998, p.1-2).

> A artilharia, em princípio, é lançada ou desembarca em áreas já de posse da tropa amiga. Às vezes, entretanto, mudanças na situação poderão forçar as Unidades de artilharia a se defenderem nas zonas de aterragem ou de lançamento ou a combaterem, a fim de abrir caminho até as áreas de posição ou pontos de reunião determinados. (BRASIL, 1997, p. 8-24).

O assalto aeroterrestre constitui a parte mais sensível da operação aeroterrestre, o salto e a reorganização de material e pessoal são fases bastante complexas. Nesse sentido, tem-se o reconhecimento, escolha e ocupação de posição da bateria de obuses ou da bateria de morteiro pesado que será uma fase

ainda mais complexa e dificultosa para a função de combate apoio de fogo, pois a dispersão de pessoal e material nos lançamentos é bastante evidenciada. Após o assalto aeroterestre, a força empregada tem por objetivo a conquista e manutenção da de uma cabeça de ponte aérea por no máximo ate setenta e duas horas, as quais findo estas, deverá ocorrer a junção com a tropa aliada.

Nesse mister, o reconhecimento, escolha, ocupação de posição da bateria de obuses torna-se bastante sensível, pois além de ser realizado o planejamento prévio bastante detalhado, a tropa que estiver no terreno deverá reunir pessoal e material suficientes de modo que a função de combate fogos esteja em condições de realizar sua missão.

1.1 PROBLEMA

A partir desse contexto é necessário que a arma de artilharia esteja pronta para atirar em 6400 milésimos com máximo de rapidez, na grande maioria da operações, a tropa aeroterrestre estará em território hostil.

Atualmente, no Exército Brasileiro há um Grupo de Artilharia de Campanha orgânico da Brigada de Infantaria Paraquedista, que é o 8º Grupo de Artilharia de Camapanha Paraquedista. Tal Organização Militar é dotado dos seguintes materiais: obuseiro 105mm AR Oto Melara e o Morteiro 120mm M2 raiado.

Um equívoco no planejamento de logística e lançamento dos materiais de artilharia corre o risco de não se obter êxito para o apoio de fogo nas operações aeroterrestres.

Métodos tradicionais utlizados pela artilharia de campanha convencional, não podem ser trazidos e executados de maneira exata, especialmente no que diz respeito ao tempo de manobra dos materiais e execução.

Diante de tal cenário, e de acordo com as possibilidades e limitações do Exército Brasileiro há, atualmente, uma doutrina testada e comprovada no que diz respeito ao reconhecimento, escolha e ocupação de posição das baterias de obuses do GAC paraquedista em um assalto aeroterrestre?

1.2 OBJETIVOS

Com o objetivo de contribuir para atender as necessidades operacionais de um GAC Aeroterrestre, o presente estudo pretende analisar possíveis soluções que possam atender às demandas doutrinárias no tocante ao reconhecimento, escolha e ocupação de posição (REOP) do GAC em um assalto aeroterrestre.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

a. Identificar em literaturas militares com relação aos conceitos de uma operação aeroterrestre;

b. Identificar em pesquisas bibliográficas os conceitos do apoio de fogo, principalmente sobre reconhecimento, escolha e ocupação de posição em uma operação aeroterresre;

c. Descrever as principais missões da Força Terrestre em uma operação aeroterrestre;

d. Descrever as características do reconhecimento, escolha e ocupação de posição de uma bateria de obuses;

e. Reconhecer as principais características atuais do GAC Aeroterrestre no Exército Brasileiro no âmbito da Bda Inf Pqdt.

f. Formular possíveis soluções doutrinárias para o emprego do GAC em um assalto aeroterrestre, especificamente no reconhecimento, escolha e ocupação de posição de uma Bateria de obuses.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A Brigada de Infantaria Paraquedista no âmbito do Exército Brasileiro constitui uma força de emprego estratégico, é de grande importância que esta GU esteja adestrada e o mais atualizada possível no que diz respeito a sua doutrina de emprego.

Atualmente, há uma carência de fontes de consultas nacionais com doutrinas testadas e comprovadas para que os quadros do Exército Brasileiro realizem o emprego correto do GAC em um assalto aeroterrestre tanto no nível tático quanto no nível operacional.

O reconhecimento, escolha e ocupação de posição de uma bateria de obuses constitui uma fase crítica e primordial durante o emprego do apoio de fogo. Nesse sentido, é fundamental que o apoio de fogo proporcionado pelo Grupo de Artilharia de Campanha orgânica da GU aeroterrestre esteja em condições de atuar na conquista e manutenção da cabeça de ponte aérea.

O assalto aeroterrestre constitui a fase mais crítica de uma operação

aeroterrestre, o salto e a reorganização são fases sensíveis, porém bastante consolidadas, doutrinariamente, concernentes à arma base. A artilharia por possuir materiais específicos dos seus respectivos subsistemas, é muito mais complexo o desenvolvimento desta fase. Sendo assim, pouco testada pelo Exército Brasileiro.

O presente estudo justifica-se devido a carência de estudos e aspectos doutrinários acerca do emprego do GAC no assalto aeroterrestre, especialmente durante as especificidades do reconhecimento, escolha e ocupação de posição das baterias de obuses durante a conquista e manutenção da cabeça de ponte aérea.

2 METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou leitura analítica, entrevistas com militares com experiência em atividades de artilharia em operações aeroterrestres, argumentação e discussão de resultados.

Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade **exploratória**, tendo em vista o pouco conhecimento disponível, notadamente escrito, acerca do tema, o que exigiu uma familiarização inicial, com pesquisas analíticas de materiais doutrinários acerca do tema, tais como manuais, trabalhos nacionais e estrageiros, em seguida foram feitas entrevistas exploratórias com especialistas com experiência em atividades na artilharia paraquedista.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de termos e conceitos, a fim de viabilizar a solução do problema de pesquisa, sendo baseada em uma revisão de literatura no período de jan1990 a dez/2016. Essa delimitação baseou-se no fato de ser uma operação bem antiga, desde o pós II Guerra Mundial, porém ainda presentes em diversos exércitos no mundo.

“A operação aeroterrestre consiste em uma operação militar combinada, que envolve o movimento aéreo e a introdução em uma área de objetivos de forças de combate e seus respectivos apoios, com a finalidade de execução imediata de uma missão de caráter tático, operacional ou estratégico.” (BRASIL, 2015).

A doutrina de operações aeroterrestres remonta da necessidade operacional dos exércitos que combateram na segunda guerra mundial. Era necessário, naquele contexto, que tropas que acelerassem o cumprimento dos objetivos em campanha infiltrando no território inimigo com maior rapidez. As armas bases ao

executarem tal tipo de operação continuavam a necessitar do tradicional apoio de fogo, amplamente utilizado nas operações convencionais.

O assalto aeroterrestre é um tipo de operação de alta complexidade que envolve um planejamento logístico e tático-operacional bastante extensos. A arma de artilharia com seus subsitemas: central de tiro, topografia, comunicações e linha de fogo, devem funcionar de maneira perfeitamente integrada. A peculiaridade e descentralizações das ações do assalto aeroterrestre dificultam ainda mais o funcionamento dos suprecitados subsistemas que tem por características a centralização das ações. Dentro desse contexto, o reconhecimento, escolha e ocupação de posição de uma Bateria de Obuses paraquedista é um tema bastante específico, frente a uma toda operação aeroterrestre. Não obstante, não são muito explorados em doutrinas e manuais, a especificidade desta parte da operação da artilharia (REOP), a qual é bastante complexa e sensível no tocante a segurança de pessoal e material. Sendo de fundamental importância que a doutrina esteja bem embasada e testada na Força Terrestre.

Foram utilizadas as palavras-chave artilharia, operações, aeroterrestres, paraquedista, doutrina, bateria, obuses, juntamente com seus correlatos em inglês e espanhol, na base de dados RedeBIE, Pergamum, Lilacs, Scielo, em sítios eletrônicos de procura na internet, biblioteca de monografias da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), sendo selecionados apenas os artigos em português, inglês e espanhol. O sistema de busca foi complementado pela coleta manual de relatórios de exercícios militares, e manuais de campanha referentes ao tema, do EB e dos EUA, em período de publicação diverso do utilizado nos artigos.

Quanto ao tipo de operação militar, a revisão de literatura limitou-se a operações de guerra, em operações aeroterrestres, especificamente no emprego da artilharia, no reconhecimento, escolha e ocupação de posição da bateria de obuses, orgânica em um assalto aeroterrestre.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados em português, espanhol ou inglês, relacionados à doutrina de operações aeroterrestres e apoio de fogo em operações aeroterrestres;

- Manuais nacionais e estrageiros referentes a doutrinas de reconhecimento, escolha e ocupação de posição de bateria de obuses;

- Manuais nacionais e estrangeiros referentes a doutrinas de apoio de artilharia em operações aeroterrestres.

b. Critério de exclusão:

- Estudos que abordam operações aeroterrestres no nível estratégico; e

- Estudos cujo foco central seja relacionado a operações aeroterrestres dos elementos de manobra, no tocante ao assalto aeroterrestre daqueles que não sejam de artilharia.

2.2 COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados pelo seguintes meio: entrevista exploratória.

2.2.1 Entrevistas

Com a finalidade de ampliar o conhecimento teórico e identificar experiências relevantes, foram realizadas entrevistas exploratórias com os seguintes especialistas, em ordem cronológica de execução:

Nome	Justificativa
ANDERSON EDUARDO E SOUZA REIS – Cap EB	Experiência como CLF no 8º GAC Pqdt.
DIOGO FERNANDES FERREIRA – Maj EB	Experiência como CLF e Cmt SU no 8º GAC Pqdt

QUADRO 1 – Quadro de Especialistas entrevistados
Fonte: O autor

2.2.2 Questionário

A amplitude do universo foi estimada a partir do efetivo de oficiais que serviram no 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista (8º GAC Pqdt) e que exerceram diversas funções nos subsistemas da artilharia de campanha, tais como Comandante da Linha de Fogo (CLF), Oficial de reconhecimento, comunicações e observação (Orec), observador avançado (OA), adjunto do chefe da 2ª Seção (Adj S2) a afim de coletar experiências e opiniões acerca do reconhecimento, escolha e ocupação de posição de uma bateria de obuses em um assalto aeroterrestre. Em virtude da falta de doutrinas escritas e experimentadas,

coletar a experiência e opiniões de quem participou de operações aeroterrestres no 8º GAC Pqdt é de vital importância para a conclusão deste trabalho.

O estudo foi limitado particularmente aos oficiais da arma de Artilharia, oriundos da Academia Militar das Agulhas Negras.

Dessa forma, a população a ser estudada foi estimada em 5 militares.

A amostra foi selecionada em diferentes Organizações Militares, em busca de militares que serviram no 8º GAC Pqdt em diferentes épocas (1999 a 2016) de maneira a não haver interferência de respostas em massa ou influenciadas por episódios específicos e poder abranger um maior número de possibilidades de ocorrência de operações aeroterrestres de grande vulto durante o ano e instrução. A sistemática de distribuição dos questionários ocorreu de forma direta (pessoalmente) ou indireta (correspondência ou e-mail) para 04 militares que atendiam os requisitos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As operações aeroterrestres tiveram seu início na I Guerra Mundial com uso de planadores e teve seu uso efetivo na II Guerra Mundial com o desenvolvimento de equipamentos e aeronaves. As supracitadas operações eram fundamentais no combate convencional a partir da década de 40. As tropas foram se aperfeiçoando no tocante a aeronaves, equipamentos de paraquedas, uniformes, entretanto o combate tecnológico atual e o combate em amplo espectro. Os exércitos da grande maioria dos países existentes no mundo ainda mantém em seus quadros tropas paraquedistas. Ao passar dos anos, com mais algumas finalidades tais como: dissuasão, existência de uma tropa mais adestrada, com maior poder de combate e maior espírito de corpo. Como por exemplo podemos citar o emprego de tropas aeroterrestres pelo EUA na primeira Guerra do Golfo e pela França no Mali em 2013. Ambas, também, com objetivo da dissuasão.

Há trabalhos recentes no exército dos EUA que estudam formas de emprego de brigadas aerotransportadas e lançadas de páraquedas.

De acordo com os dados obtidos em b entrevistas, as operações aeroterrestres com o apoio de artilharia, se limitam a participação de Observadores

Avançados e Oficiais de Ligação sem emprego de tropa efetiva, são executados apenas planejamento de fogos nas cartas topográficas e documentos confeccionados para o apoio de fogo. Por falta de recursos, não é somente a arma de artilharia que tem suprimidos seus efetivos, o emprego de tropa da Brigada Paraquedista, em grande parte das oprações há a participação de apenas um batalhão de infantaria com uma companhia de fuzileiros. Foi colhido também , a informação que alguns anos, quando há disponibilidade de recursos, há uma grande operação de adestramento ao fim do ano com todos os três batalhoes de infataria de fuzileiros, chamada tradicionalmente de operação Saci. Todavia, os entrevistados informaram que nem na operação Saci, mais completa operação da Brigada Paraquedista, foi realizado o lançamento de peças e pessoal com a realização do tiro real.

Nenhum dos entrevistados com experiência no comando de linha de fogo e de bateria de obuses participaram de operações conduzidas pelo comando da Brigada de Infantaria Paraquedista com lançamento de obuseiros e tiro real. Os obuseiros sempre se deslocam por estradas até o local da operação. A participação dos referidos oficiais em outras operações também ocorreu como Oficial de Ligação e/ou Observador Avançado. Os entrevistados acrescentaram que o 8º Grupo de Artilharia de Campanha realiza operações próprias, com emprego de uma, até duas baterias de obuses, porém o contexto é mais voltado para o adestramento da execução do tiro e entradas em posição de maneira tradicional. Quando há a disponibilidade de aeronaves somente para o Grupo, o militares realizam a infiltração através do salto semi-automático, e as peças deslocam-se através de estradas até a área de operações. Ou seja, não é realizado o emprego de assalto aeroterrestre com apoio de fogo em uma cabeça de ponte aérea infiltrando todos, através do salto.

Pode-se constatar também que não há memória de adestramento de lançamento de peças de Oto melara e de pessoal em uma mesma operação. A última operação deste porte, remonta da década de 90 e os militares envolvidos se encontram na reserva ou afastados da atividade. Foi respondido também, que em um dos últimos lançamentos de obuseiro, no ano de 2001 o mesmo “charutou” o paraquedas não abriu, tornando o obuseiro indisponível. Este fato só cresce de importância, o estudo e direcionamento correto de uma doutrina para tal atividade.

Desta forma os aspectos doutrinários das oprações aeroterrestres

dependem de cada teatro operacional e do exército que a está utilizando. Alguns evoluiram e outros tornaram-se obsoletos pelos exércitos mais poderosos. Como evolução podemos citar o lançamento em uma zona de lançamento mais segura e controlada, com aeronaves avançadas tecnologicamente, com erro mínimo de precisão, com o objetivo da dissuasão. Como exemplo de ações obsoletas, podemos citar o não emprego maciço de tropas paraquedistas e cada vez mais o uso de operações aeromóveis com uso de helicópteros. Exércitos mais modestos ainda mantém aspectos doutrinários mais antigos os quais dependendo do teatro operacional e do inimigo, tem grandes chances de serem eficazes.

> A doutrina aeroterrestre brasileira fundamentou-se, inicialmente, nas experiências de combate vivenciadas pelas tropas norte-americanas naquele conflito mundial, associadas à organização então vigente para as grandes unidades convencionais do Exército. Sua evolução refletiu-se em sucessivos aperfeiçoamentos na estrutura organizacional, na dotação de material e no adestramentoespecializadodasunidadesaeroterrestres. (BRASIL,2007, p. 1-3)

A dificuldade do conhecimento de manobrar as peças no terreno após o lançamento dos materiais foi questionada, visto que nenhum dos entrevistados teve a oportunidade de participar de uma operação aeroterrestre com emprego das peças (Otto melara ou Mrt 120 mm) sendo lançadas de paraquedas.

> (1) Integrante da F Aet
> (a)Fogosdeapoioedecontrabateriaemproveitodoselementos de manobra, durante as ações estáticas iniciais e subseqüentes.Tal apoio é detalhado no C 6-1 EMPREGO DA ARTILHARIA e C 6-20 GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA.
> (b) O desencadeamento destes fogos em apoio às ações táticas iniciais depende, obviamente, da inclusão de sistemas de armas no escalão de assalto. Normalmente, quando a resistência inimiga na A Obj tiver maior expressão e os meios aéreos forem insuficientes para prover o apoio de fogo necessário, talmedida será impositiva.Osmorteiros pesados de dotação da Art Pqdt representam, neste caso, omaterial mais indicado. (BRASIL, 2007, p. 8-12)

O manual C57-1 OPERAÇÕES AEROTERRESTRES na parte de apoio de fogo por parte da artilharia de campanha faz referência ao C6-1 EMPREGO DE ARTILHARIA e ao C6-20 GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA . Os dois últimos não detalham na parte tática o emprego efetivo das baterias de obuses. Se limitam a parte tática da operação.

> (4) Durante o assalto,a artilharia que acompanha a força apoia o estabelecimento da cabeça-de-ponte aérea e, caso esta não coincida com os objetivos finais a serem conquistados, a artilharia deve apoiar as ações

> ofensivas para a conquista desses objetivos.
> (5) Na defesa, particular atenção deve ser dada às regiões mais vulneráveis e as vias de acesso adequadas ao emprego de carros. É, em princípio, uma defesa circular em que a artilharia deve estar em condições de atuar em todas as direções (campo de tiro de 6400'") na defesa da cabeça-deponte aérea e /ou dos objetivos a serem mantidos.
> (6) Uma cuidadosa coordenação deve ser realizada, particularmente na operação de junção, a fim de evitar que os fogos amigos causem baixa entre seus próprios elementos. Para isso, são utilizadas a LCF e a LCAF.
> (BRASIL, 1997, p. 8-14)

Não há escrito em nossa doutrina a parte tática de REOP de bateria de obuses em manuais ou em cadernos de instrução. A bibliografia atual da artilharia de campanha é direcionado aos Cmt GAC e integrantes de seu Estado Maior. O manual C6-20 GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA detalha em seu capítulo 7, as características e o modo dos diversos REOP, todavia não faz menção a referida atividade no assalto aeroterrestre de uma bateria de obuses, por exemplo em proveito de uma FT Pqdt. A experiência vivida pelos integrantes e ex-integrantes do 8º GAC Pqdt podem contribuir para o início dessa parte escrita específica.

> O Reconhecimento, Escolha e Ocupação de Posição (REOP) de um Grupo de Artilharia de Campanha é o conjunto de operações executadas com a finalidade de deslocá-lo de uma Posição de Tiro, Posição de Espera, Zona de Reunião, Coluna de Marcha ou Zona de Embarque para uma outra posição a fim de iniciar ou manter o Apoio de Fogo adequado à arma-base.
> (BRASIL, 2005, p. 1-1)

Atualmente, o 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista possui três baterias de obuses e uma bateria comando. Duas baterias são dotadas do obuseiro 105 mm Otto melara, e uma bateria é dotada de materais Otto melara e Mrt P 120 mm. Nos exercícios executados nos últimos dez anos, há somente o lançamento de pessoal, as peças de artilharia vão por estradas. Os REOP são executados em tempo restrito e a linha de fogo entra em posição em 6400"'. São operações "estanques" para a artilharia. Há o lançamento de pessoal, integrantes da bateria de obuses e as peças chegam à região da cabeça de ponte aérea. O ideal para o emprego do apoio de fogo em proveito da FT Pqdt empregada, é que todos os seus meios sejam lançados de paraquedas ou aerotransportados. O preparo para o lançamento das peças é feito no Batalhão de Dobragem, Manutenção e Suprimento pelo Ar (BDOMPSA), unidade responsável pelo lançamento de materiais pesados da Brigada de Infantaria Paraquedista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, conclui-se que a presente investigação atendeu ao pretendido, ampliando a noção da real necessidade de um estudo doutrinário na parte tática para o REOP de uma bateria de obuses em um assalto aeroterrestre.

A revisão de literatura possibilitou concluir que não há atualmente no Exército Brasileiro, documentos escritos concernentes a tática empegada pela bateria de obuses em um assalto aeroterrestre. Ações específicas que devem ser realizadas pelo Cmt SU, pelo comandante da linha de fogo e pelos chefes de peça no assalto aeroterrestre. Não há também aspectos específicos em relação a assuntos logísticos, tais como: quantidade de munição, materiais da peça, materiais de topografia e central de tiro, visto que há bastante limitação de espaço nas aeronaves empregadas nas operações aeroterrestres.

Dessa forma, entende-se que é necessário que o capitão, comandante SU, o tenente, comandante da linha de fogo e o sargento, chefe de peça, necessitam de um maior direcionamento nas atividades de REOP no assalto aeroterrestre, pois atualmente,faz-se uma adaptação do REOP tradicional para o assalto aeroterrestre. São suprimidas alguma fases que demandam um maior tempo de execução, principalmente nos reconhecimentos, pois o apoio de fogo em uma cabeça de ponte aerea prescinde de muita rapidez.

Devido a falta de recursos e prioridades atuais do Exército Brasileiro, em uma operação aeroterrestre, a artilharia paraquedista não executa, atualmente, plenamente suas ações, com o emprego de lançamento de paraquedas ou aerotransporte de material e pessoal, incluindo obuseiros e viaturas. Isso dificulta a pesquisa e definição do modo mais adequado de atuação.

A compilação de dados permitiu identificar que, dentre as dimensões da consciência situacional, o comandante da bateria de obuses e seus subordinados devem ter conhecimento de uma doutrina testada e comprovada com segurança para que não seja feitos, por vezes improvisos que negligenciem a segurança do pessoal e material.

No apoio de fogo para a conquista e manutençao da cabeça de ponte aérea proporcionado pela bateria de obuses paraquedista, se houver lançamento de peças, não há tempo para os diversos reconhecimentos executados por um REOP

tradicional. A dispersão de pessoal e material na zona de lançamento já é um dificultador muito grande para a execução da missão precípua da artilharia.

Alinhado a todas essas possibilidades tecnológicas, tais como uso de ..... surge a necessidade de serem feitas experimentações doutrinárias atuais, para o desenvolvimento e confecção de manuais ou cadernos de instrução para que os militares responsáveis pelo apoio de fogo em proveito da arma base, tenham uma sequência de procedimentos e evitar algumas flexibilidades por parte dos militares executantes que acabam, por vezes, negligenciando a segurança, visto que um assalto aeroterrestre é uma operação , por demais sensível.

Recomenda-se, assim, que sejam feitos novamente lançamentos de paraquedas do obuseiro de forma isolada , para que se retorne a expertise de utilização da peça após ela ser lançada de paraquedas. Em segundo momento, uma linha de fogo a quatro peças sejam lançadas juntamente com seu pessoal, e por fim todo esse cenário seja enquadrado em uma operação de ocupação e manutenção de uma cabeça de ponte aérea. Consequentemente, os quadros envolvidos nesses procedimentos iriam iniciar uma confecção de uma caderno de instrução abordando todos os procedimentos, sequências e ações a serem tomadas para um melhor adestramento e dirimir as chances de ocorrências de acidentes.

Conclui-se, portanto, que é inegável que qualquer doutrina militar empregada por qualquer exército do mundo seja testada, praticada e principalmente escrita e constantemente atualizada. O negligenciamento de tais atitudes contribuem para o amadorismo da tropa e grande chance de ocorrências de acidentes nas supracitadas atividades no corpo deste artigo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. **C 6-1: Emprego da Artilharia de Campanha**. 3. ed. Brasília, DF, 1997.

_____. _____. **C 6-20: Grupo de Artilharia de Campanha.** 4. ed. Brasília, DF, 1998.

_____. _____. **C 57-1: Operações Aeroterrestre.** 1. ed. Brasília, DF, 2007.

_____. _____. **C 20-1: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. 3. ed. Brasília, DF, 2003b.

NEVES, Marcos José da Silva. **Óbices Doutrinários do Apoio de Artilharia de Campanha às Operações Aeroterrestres** 2005. 37 f. Dissertação – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, EsAO, Rio de Janeiro, 2005.

PIERCE, Robert M. The Airborne Field Artillery: From Inception To Combat Operations**.** 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Fort Leavenworth, Kansas, 2004.